

A representação do suicídio a partir do sofrimento feminino em *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann, e em *O caso de Ruth*, de Júlia Lopes de Almeida

Palavras-Chave: SUICÍDIO FEMININO; ESCRITA FEMININA; REPRESENTAÇÃO

Autores(as):

RAFAELA DAROZ MONDELLI, IEL – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. LÚCIA GRANJA (orientadora), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este projeto desenvolveu a análise da representação do sofrimento feminino no Brasil do século XIX, tomando como *corpus* um conto e um romance de autoras mulheres. Primeiro, o romance *Lésbia*, publicado em 1890 pela escritora Maria Benedita Bormann, sob o pseudônimo de "Délia", retrata a história de Arabela, uma mulher sensível e bem instruída da classe alta carioca, que, após uma série de decepções românticas com homens abusivos, decide converter seu sofrimento em obras literárias, tornando-se a escritora Lésbia. Por vinte anos de sua vida, ela goza de liberdade e sucesso como escritora, desenvolvendo, inclusive, uma relação saudável com um homem que a admira intelectualmente, sem nunca se casar. Aos quarenta anos, no entanto, conhece Alberto, um jovem que admira muito as suas obras, com quem se envolve romanticamente. O rapaz era comprometido e sua noiva, Heloísa, ao descobrir a relação, pede à Lésbia desesperadamente que abandone o moço, já que ele é tudo que possui. Esse evento engatilha uma crise existencial na escritora, que se suicida.

O *caso de Ruth*, de Júlia Lopes de Almeida, é um conto publicado na coletânea de contos da autora, *Ânsia eterna*, em 1903. Ruth, também uma menina bem instruída e de classe alta, revela ao menino que a pede em casamento, Eduardo, que não é virgem, pois foi abusada sexualmente pelo padrasto, já falecido. Ela pede que o rapaz considere se quer prosseguir com o pedido, dando liberdade para que volte atrás. Eduardo detesta pensar que Ruth não é pura e sente ciúmes, mas decide perdoá-la e manter seu pedido. A protagonista, no entanto, não havia pedido perdão, pois fora ela quem sofrera o abuso, preocupando-se em casar-se com esse rapaz e para sempre ser vista como culpada. No limite de seu sofrimento, ela decide tirar a própria vida.

Nas duas obras, temos a representação do suicídio de mulheres a partir de sofrimentos produzidos pela opressão da sociedade patriarcal do final do século XIX: Lésbia se suicida pela pressão do casamento e maternidade e Ruth se suicida pela violência sexual perpetuada ao gênero feminino. Zahidé Muzart considera que “na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada

sempre a um feminismo incipiente” (Muzart, 2003, p. 267), sobretudo no século XIX, em que mais mulheres, normalmente as que eram de classe alta e tinham acesso à educação formal, viam-se diante da possibilidade de escrever. E, assim, mulheres como Júlia Lopes de Almeida e Maria Benedita Bormann, duas mulheres burguesas de famílias que incentivaram seus estudos, retratavam em suas obras literárias os sofrimentos que eram abafados e as ambições que eram negadas ao gênero feminino.

No Brasil do final do século XIX, havia uma movimentação para a mudança de paradigmas políticos e econômicos, do regime monárquico colonial para uma república liberal. No entanto, esse movimento era lento e, majoritariamente, voltava a privilegiar as mesmas elites de antes. O mesmo se observava em relação ao direito de emancipação das mulheres e da liberdade dos escravizados. A ideologia patriarcal ainda era dominante e as formas de opressão se adaptavam à ascensão da burguesia, com as ideias positivistas e higienistas que eram propagadas pelas autoridades políticas e médicas. O empenho em modernizar e “civilizar” as grandes cidades como o Rio de Janeiro, aproximando-as à Europa, envolvia, também, prescrever o comportamento dos cidadãos. A mulher burguesa deveria ser o ideal a ser seguido, virgens até o casamento, mães atentas e realizadas, além de esposas sempre ao lado dos maridos em suas vidas públicas. Com o desenvolvimento da vida social mais movimentada, com salões e salas de visitas, a mulher burguesa deveria se comportar conforme às normas, pois “[...] não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade.” (D’Incao, 2004, p.191)

O suicídio, considerado doença mental e equiparado a doenças físicas, também se configurava como uma questão de preocupação para as autoridades médicas e higienistas, que buscavam formas de evitá-lo, como pela censura de obras literárias que retratassem o assunto para que não “dessem ideias”. No caso do suicídio feminino, eram definidas como causas a frustração por não se alcançar as expectativas do gênero ou as “paixões exacerbadas”, que significa a demonstração da sexualidade (Lopes, 2003a).

METODOLOGIA:

Para analisar as obras, mobilizamos teorias sobre discurso e sobre representação, pensando em como são feitas pelas autoras as representações das mulheres, de seus sofrimentos e do suicídio, especialmente feminino, e como elas são anti-hegêmonicas, tendo o objetivo de denunciar a ideologia patriarcal. Para isso, utilizamos *História cultural: entre práticas e representações*, do historiador Roger Chartier, para pensar na práticas de representação empreendidas pelos grupos sociais. No caso, que práticas Maria Benedita Bormann e Júlia Lopes de Almeida utilizaram para expor uma representação diferente de mulher e de seus sofrimentos: de mulheres aquiescentes, puras e que sofrem por amor para mulheres conscientes de suas opressões e que sofrem por causa delas. *A ordem do discurso*, de Michel Foucault, nos serviu para identificar os discursos que embasam as representações. Utilizamos o conceito de "ideologia" de acordo com a obra *O que é ideologia*, de Marilena Chauí. Por fim, para analisar textualmente as obras, nos apoiamos em *O que é escrita feminina*, de Lúcia Castello Branco,

que defende a existência de um escrita atravessada pelo corpo, marcada por respiração diferente e complementar a escrita hegemônica. A partir desses textos e conceitos, bem como leituras sobre o suicídio no final do XIX brasileiro e de leituras da crítica existente sobre o romance e o conto, propusemos uma leitura do corpus em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em *O caso de Ruth*, observa-se, através da figura do padrasto da protagonista, o barão, o estabelecimento da mudança de paradigma que acontecia no país, mas que pouco progredia as mentalidades de fato. É apresentado que o homem viveu pelo menos noventa anos e que foi moço nos tempos de D. João IV e que era alguém muito saudoso e retrógrado, preferindo os tempos coloniais.

Todo o conto se passa em uma sala que foi decorada por ele com objetos desses tempos passados e que é descrita como sóbria, saudosa e monótona, mesmo após ter sido redecorada com objetos da moda após o falecimento do barão. O ambiente é significativo: ele representa o padrasto e sua mentalidade retrógrada e violenta, é onde Ruth foi abusada, onde foi exposto o corpo falecido do seu abusador, onde foi pedida em casamento, onde passa a maioria dos seus dias e, enfim, onde o seu próprio corpo morto é exposto. É um microcosmos da sociedade burguesa da época, que era moderna em visual, mas não em ideologia e onde se empreende toda a opressão à mulher, à Ruth.

Muito do que Lúcia Castello Branco descreveu como escrita feminina é utilizado no conto para a articulação dos sofrimentos de Ruth em uma sociedade patriarcal, promovendo uma representação diferente da permeada nos discursos da época. Uma das formas que a pesquisadora descreve esse tipo de escrita é “escrita do corpo”, por deixar o corpo atravessar o texto. Júlia Lopes faz ao retratar a violência sexual contra mulher, que se dá pela opressão do corpo categorizado como “feminino”, “de mulher”. Se a escrita feminina é atravessada pelo corpo, também o é o sofrimento feminino. Dessa forma, a relação entre corpo feminino e sexualidade é estabelecida desde o começo, com a avó da protagonista exaltando a pureza da menina mais de uma vez para o seu pretendente. Assim, é estabelecido um olhar feminino mais velho que reforça a ideologia dominante sobre o corpo de outra mulher.

É definida como característica da escrita feminina, também, a ambiguidade, coisa que permeia o conto. Nas paredes da sala estão pendurados quadros de virgens “[...] de longo pescoço arqueado e rosto pequenino” e é marcado o contraste entre a virgindade, o rosto pequeno, inocente, como o pescoço arqueado, que indica sensualidade. Há, então, a sensualidade da própria virgindade. Depois, quando Ruth revela o que lhe aconteceu a Eduardo, ela fala: “Meu padrasto era um homem bonito, forte; eu era uma criança inocente... Dominava-me; a sua vontade era logo a minha.” (Almeida, 2019, p. 15). Nesse trecho, a protagonista demonstra reconhecer o padrasto como um homem atrativo e ela mesma como uma pessoa com sexualidade e desejo. Logo, é possível estabelecer aqui o campo entre o sexual e o além-sexual do qual fala Castello Branco, pois uma menina jovem pode possuir um desejo ou atração, mas isso não pode ser admitido; e, além disso, uma atração qualquer de uma menina

jovem por uma figura paterna não se configura em uma ambição a ser realizada, sendo, na verdade, apenas um indicativo do desenvolvimento da sexualidade pela qual todos passam.

No entanto, como os discursos da época eram de que a mulher não deveria sequer admitir serem seres sexuais, visto que as “paixões” eram caracterizadas até como precursoras de doenças mentais, Ruth nunca pode admitir a violência que sofreu nem para sua mãe ou para sua avó, sabendo que elas a julgariam, por celebrarem sua suposta pureza. Em alguns momentos do textualmente, parece haver um “abafamento” que pode indicar que todos, no fundo, sabiam o que acontecia, como quando a avó da menina diz: “Toda a gente percebe que ela o ama; mas é uma obstinada e lá guarda consigo o seu segredo...” (Almeida, 2019, p.).

Enfim, Castello Branco coloca que a escrita feminina tem um ritmo e um tom particulares e que a intenção dela é retratar o real, o que está por trás do signo linguístico. O monólogo que Ruth faz quando revela a Eduardo seu abuso é bem característico disso: é descrito como a linguagem corporal da menina muda, avançando para perto dele com energia, ela fala rápido, como se estivesse vomitando as palavras e não se preocupa em entrar em detalhes sobre como as coisas aconteceram. O foco de Ruth é transmitir o sofrimento real que vive para Eduardo, não tentar provar que foi abusada, não tentar convencê-lo através de estratégias com a palavra:

Ninguém sabe! **Oh! Não fale! Não fale, pelo amor de Deus! Escute, escute só;** é segredo para toda a gente... No fim de quatro meses de uma vida de luxúria infernal, ele morreu, e foi ainda aqui, nesta sala, entre as duas janelas, que eu o vi morto, estendido na eça. **Que libertação, que alegria que foi aquela morte para a minha alma de menina ultrajada!** (Almeida, 2019, p. 15 – grifos nossos)

A protagonista tem esperança que seu noivo consiga captar esse sofrimento e reconhecer sua existência como mais do que a pureza que deveria ter. Infelizmente isso não acontece, para Eduardo é insuportável imaginar Ruth com outro homem, e escolhe dizer a perdoa, achando que é isso que a menina estava pedindo quando se abriu com ele:

um dia, vencido, **escreveu-lhe longamente, amorosamente, disfarçando, sob um manto estrelado de palavras de amor, a irremediável amargura da sua vida.** ‘Que esquecesse o passado... ele amava-a... o tempo apagaria essa ideia, e eles seriam felizes, completamente felizes.’ (Almeida, 2019, p. 17 – grifos nossos)

Ao contrário da escrita feminina e de Ruth, que tentam capturar o real, Eduardo utiliza as palavras, o signo linguístico, para ocultar o que verdadeiramente acha. Isso revolta a menina e a deixa sem esperança, que entende que ninguém nunca se compadecerá com seu sofrimento. Ela tira a própria vida, então, com veneno, para sempre ser lembrada pelo que acreditavam que ela era: pura, angelical. É, inclusive, vestida de noiva. Porém, mais uma vez ela é inacessível para Eduardo, que entende isso como desejo da menina de se reunir com o padrasto e, em um ato, de raiva ele destrói seu velório, colocando fogo no seu corpo.

O conto se conclui com a frase: “E a todos que acudiram nesse instante pareceu que viam sorrir a morta em um êxtase, como se fosse aquilo que ela desejasse...” (Almeida, 2019, p. 18), espelhando em todos os presentes no velório o que pensava Eduardo. Logo, mesmo com as melhores

intenções de Ruth, marca-se a ambiguidade de que todos secretamente sabiam, assim como todos na sociedade sabem das violências contra mulheres, mas não ousam falar sobre. Ainda pior, todos sabem e todos culpam as próprias mulheres por serem expostas como seres sexuais, ainda que através da violência.

A análise de *O caso de Ruth* se mostrou muito frutífera e exigiu mais tempo do que o esperado. Com isso, o cronograma inicial precisou ser modificado e a análise do romance, *Lésbia*, ainda está em desenvolvimento.

CONCLUSÕES:

A identificação pessoal e política de Júlia Lopes de Almeida e de Maria Benedita Bormann com a luta pela emancipação da mulher e outras causas sociais, junto de suas instruções formais e criações em meio artístico, levaram-nas a utilizar a literatura como uma forma de expor hipocrisias da sociedade e propor novas representações de mulher e de seus sofrimentos. Estes não são fruto de “paixão exacerbada” ou meramente a impossibilidade de alcançar o matrimônio e a maternidade, mas advém da opressão e ideologia patriarcal exercida sobre as mulheres.

Em *O caso de Ruth*, de Júlia Lopes de Almeida, a autora representa o sofrimento feminino e o conseqüente suicídio associados à violência sexual que aflige as mulheres e meninas, no caso de Ruth, tensionando os discursos de controle de corpos e sexualidade. Como recurso estético para realizar essa empreitada, é possível identificar que a autora utiliza o que Lúcia Castello Branco definiu como “escrita feminina”, uma escrita associada ao feminino, atravessada pelo corpo, que tenta registrar a materialidade do real e não meramente a representação em signo linguístico. A protagonista do conto luta para registrar seu sofrimento real, atravessado pelo seu corpo e sua sexualidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. 1ª ed., Vermelho Marinho, Rio de Janeiro: 2019
- BORMANN, Maria Benedita (Délia). **Lésbia**. Apresentação e notas de Maria do Rosário A. Pereira. São Paulo: Editora 106, 2021.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina**. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª ed.. Algés: Editora Difel, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. 10ª ed., 1ª reimpressão. In.: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**, 10.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- LOPES, Fábio Henrique. **A experiência do suicídio: discursos médicos no Brasil, 1830-1900**. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003a.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In.: MOREIRA, Maria Eunice (org.). **História da Literatura, teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003b.